

ANÁLISE FILOLÓGICA DE MANUSCRITOS DO SÉCULO XVIII

Juliana Lima Façanha (UFMT)
jufacanha@gmail.com
Elias Alves de Andrade (UFMT)
elias@cpd.ufmt.br

1. Introdução

Através do estudo filológico de registros escritos, principalmente dos manuscritos antigos, podem ser estudados os aspectos linguísticos, sociais, políticos e culturais de determinada época, contribuindo com diversas áreas, tais como antropologia, direito, história, geografia, sociologia, linguística e outras, sendo indispensável, para isso, o trabalho de edição. Editar é uma maneira eficaz de disponibilizar um texto que servirá de meio para futuros estudos além de contribuir para o entendimento de determinado momento sócio-histórico.

Assim, preservar a integridade dos documentos históricos, culturais e literários, restabelecer esses documentos nacionais fidedignamente e, ainda, preservá-los de possíveis corrupções que podem, eventualmente, ser introduzidas pela transmissão editorial são, entre outros, objetivos e compromisso a que se inclina o crítico textual.

De acordo com *Spina* (1994, p. 82):

A filologia concentra-se no texto, para explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado. A *explicação do texto*, tornando-o inteligível em toda a sua extensão e em todos os seus pormenores, apela evidentemente para disciplinas auxiliares (a literatura, a métrica, a mitologia, a história, a gramática, a geografia, a arqueologia etc.), a fim de elucidar todos os pontos obscuros do próprio texto.

Com o objetivo de contribuir com o estudo linguístico e filológico de documentos manuscritos lavrados a partir do século XVIII, referentes à província de Mato Grosso, este trabalho pode auxiliar no estudo do Português Brasileiro e no conhecimento das características ortográficas da língua portuguesa a partir do século XVIII.

O *corpus* desta pesquisa foi selecionado no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, e tem como título “Livro de registro da correspondência oficial da Presidência da província com a repartição ecclesi-

astica: 1887 – 1890”, acondicionado na estante 10, pasta 383, identifica-se de forma sequencialmente de fólhos 1 a 40 e transcrições de 1 a 40. O documento foi editado no formato justalinear, em que as linhas dos manuscritos correspondem às linhas da edição semidiplomática.

2. *Paleografia*

Para Spina (1994, p. 24), a paleografia é “[...] o estudo das antigas escritas e evolução dos tipos caligráficos em documentos, isto é, em material perecível (papiro, pergaminho e papel).” Em concordância à esse conceito, Azevedo Filho (1987, p. 19) salienta que “por isso, cabe à paleografia estudar a mudança ou a transformação dos tipos gráficos.”

Cambraia (2005, p. 23) afirma que o termo paleografia, etimologicamente, se origina do grego e significa *palaaios* = antigo e *graphien* = escrita.

Spaggiari e Perugi (2004, p. 17) entendem que a paleografia “[...] tem como fim o estudo dos caracteres gráficos antigos.” Assim entendida, ela abrangeria o estudo da escrita sobre qualquer tipo de material, o que não ocorre, pois, deste modo, invadiria o campo de outras ciências. Ela estuda particularmente a escrita feita sobre material brando ou macio, tais como, as tábuas enceradas, o papiro, o pergaminho e o papel (ACI-OLI, 2003, p. 5).

2.1. **Comentários paleográficos dos manuscritos**⁵

2.1.1. *Tipos de letras*

O documento editado na forma fac-similar e semidiplomática trata-se de manuscrito produzido por três copistas. O primeiro copista redigiu os registros entre os fólhos 1r até 15r, além do 40r. O segundo do fólho 16v até metade do fólho 36v e o terceiro copista seguiu até o fólho 39v. Os amanuenses possuíam, em sua totalidade, mãos hábeis à escrita, fato observado pela regularidade da escrita que apresenta homogeneidade em seu tamanho, regularidade quanto ao *ductus* ou traçado das letras (ordem de sucessão e sentido dos traços das letras), ângulo (relação entre traços verticais das letras e a pauta horizontal da escrita), módulo (sua

⁵ A presente análise é sucinta, sendo mais explorada na dissertação que originou esse artigo e que apresenta, ainda, a análise completa das ocorrências ortográficas no documento.

dimensão em relação à pauta) e o peso (relação entre traços finos e grossos das letras) (CAMBRAIA, 2005, p. 24), além de estar inclinada à direita. Pode-se classificar a escrita do documento como humanística, com tipo de letra cursiva⁶.

No exemplo a seguir, observam-se tais características, além de letras longas em que as extensões avançam acima ou abaixo das linhas, marcas da escrita humanística cursiva – *littera antiqua corsiva*, além de letras corridas e ligadas entre si.



De acordo com Acioli (2003, p. 40), a escrita humanística,



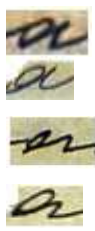

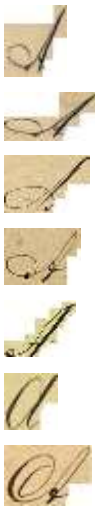


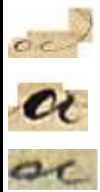
[...] foi usada a partir do século XV pelos renascentistas (daí a denominação), quando resolveram reagir contra a escrita Gótica, em fase de decadência e com letras quase irreconhecíveis em comparação com as originais. Na verdade, não passa de uma transcrição, ou melhor, de uma imitação da escrita Carolína, sendo de fácil leitura. O seu uso iniciou-se em Florença, por isso ela é também conhecida como itálica.






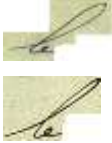








O manuscrito “Livro de registro da correspondência oficial da Presidência da província com a repartição eclesiástica: 1887-1890”, foi escrito por três copistas⁷, em três momentos: de 18 de junho a 28 de novembro de 1887 (p. 22 até p. 50 e p. 100) de 8 de fevereiro de 1888 a 29 de novembro de 1889 (p. 52 a p. 92) e de 9 de dezembro de 1889 a 6 de dezembro de 1890 (p. 92 a p. 98). A escrita é uniforme e segue padrões bem definidos pelos escribas. Por se tratar de um documento que possui diferentes copistas, ainda que cada um deles apresente o módulo das letras bem definido, com leve inclinação para a direita, é possível notar algumas variações quanto ao peso e traçado das letras. Assim, o quadro abaixo tem o objetivo de apresentar essas diferenças, considerando o alfabeto e a posição de cada letra.
















⁶ Escrita Cursiva é caracterizada por ter as letras corridas, traçadas de um só lance e sem descanso da mão, apresentando entre si nexos ou ligações, com traçado mais livre, oferecendo, por vezes, certa dificuldade na leitura, o que a classifica como “littera epistolaria”. (ACIOLI, 2003, p. 13)















⁷ Não há dados de quem foram os copistas.












2.1.2. O alfabeto nos manuscritos









Letra	Co-pista	Maiúscula	Minúscula		
			Inicial	Medial	Final
A a	1				
	2				












	3					
	B b	1				Não há ocorrência.
		2				
	3				Não há ocorrência.	







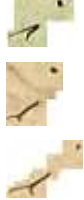






C c	1				Não há ocorrência.
	2				Não há ocorrência.
	3				Não há ocorrência.
D d	1				Não há ocorrência.
	2				Não há ocorrência.















					
	3				Não há ocorrência.
E e	1				
	2				



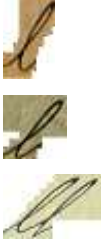


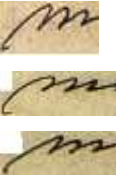
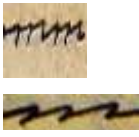
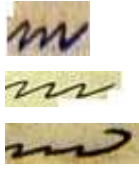


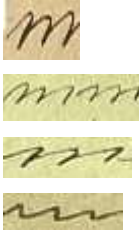



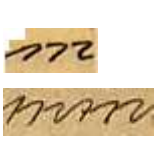
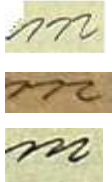
					
	3				
F f	1				Não há ocorrência.
	2				Não há ocorrência.



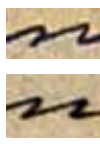
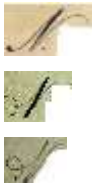
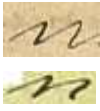


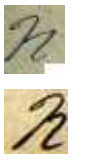

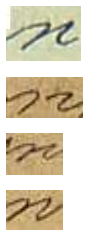



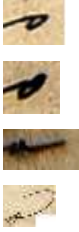


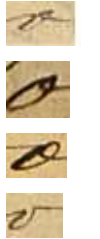

	3	Não há ocorrência.			Não há ocorrência.
G g	1				Não há ocorrência.
	2				Não há ocorrência.
















	3				Não há ocorrência.
H h	1				Não há ocorrência.
	2				Não há ocorrência.
	3	Não há ocorrência.			Não há ocorrência.






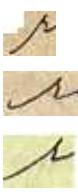



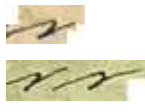





Ii	1				
	2				
	3		Não há ocorrência.		Não há ocorrência.
Jj	1				Não há ocorrência.


















































	2				Não há ocorrência.
	3				Não há ocorrência.
L1	1				
	2				



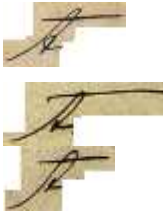









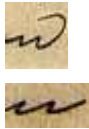
	3				
M m	1				
	2				
	3				









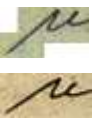
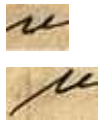
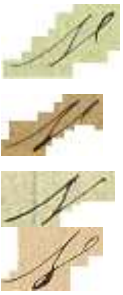





N n	1				Não há ocorrência.
	2				
	3				Não há ocorrência.
O o	1				
	2				






















	3				
P p	1				Não há ocorrência.
	2				Não há ocorrência.
	3				Não há ocorrência.
Q q	1	Não há ocorrência.			Não há ocorrência.

	2	Não há ocorrência.			Não há ocorrência.
	3	Não há ocorrência.			Não há ocorrência.
	R r	1			
2					
3					

				 	 
Ss	1	  	  	   	   
	2	   	  	    	      
	3	  	  	  	 

					
T t	1				Não há ocorrência.
	2				Não há ocorrência.
	3				Não há ocorrência.
U u	1	Não há ocorrência.			

	2	Não há ocorrência.			
	3				
V v	1				Não há ocorrência.
	2				Não há ocorrência.
	3				Não há ocorrência.

					
X x	1	Não há ocorrência.	Não há ocorrência.	 	Não há ocorrência.
	2	Não há ocorrência.	Não há ocorrência.	  	Não há ocorrência.
	3	Não há ocorrência.	Não há ocorrência.	 	
Z z	1	Não há ocorrência.	Não há ocorrência.		
	2	Não há ocorrência.	Não há ocorrência.	  	  
	3	Não há ocorrência.	Não há ocorrência.	 	

2.2. Comentários codicológicos

A codicologia tem como objeto o estudo do suporte material de documentos manuscritos, especialmente antigos, e debruça-se na descrição dos elementos físicos do códice. Segundo Spina (1994, p. 22), a codicologia tem como fundamento o estudo “[...] da técnica do manuscrito, antigo campo de estudo da paleografia e da diplomática⁸. Diz respeito ao conhecimento do material empregado na produção do manuscrito e das condições materiais em que esse trabalho se verificou”.

Azevedo Filho (1987, p. 20), ao dissertar a respeito da ciência codicológica afirma:

[...] a codicologia tem como objeto de estudo a análise e a descrição técnica de códices. O códice (do latim: *codex, cis*) passou a ser impresso com a invenção da imprensa, no século XV. Daí a denominação de "livros de mão", ainda usada no século XVI, com referência aos cancioneiros manuscritos. Mais longe ainda, na Antiguidade Clássica, a história do livro tem início com o papiro e com o pergaminho, até chegar-se ao uso do papel, já na Idade Média, como matéria escriptória. Diante de um manuscrito a ser editado, portanto, é básico o recurso à Paleografia, à Diplomática e à Codicologia, para a sua exata descrição e completo estudo de todos os aspectos materiais. Ou seja: deve-se analisar, num manuscrito, quando e como foi feito, a matéria escriptória usada, o tipo de letra e a autenticidade do códice, como elementos de investigação preliminar.

De acordo com Spaggiari e Perugi (2004, p. 15-16), é a disciplina que estuda os manuscritos, ou códices, no seu aspecto material: qual é o suporte empregado, as dimensões do objeto, a sua formação, o seu conteúdo, as mãos que escreveram, a sua datação, localização, etc.

Cambraia (2005, p. 26) afirma que “[...] a codicologia consiste basicamente no estudo da técnica do livro manuscrito, isto é, do códice”. Quanto à importância desta ciência como auxílio à crítica textual, o mesmo autor continua:

Para o crítico textual, a codicologia é de grande relevância, pois fornece informações que permitem compreender algumas das razões pelas quais os textos se modificam no processo de sua transmissão. Saber, por exemplo, que nos antigos recintos em que se realizavam as cópias (chamados *scriptoria*) havia o hábito de se desmembrar um códice para que suas partes (os cadernos) pudessem ser reproduzidas simultaneamente por diferentes copistas permite ao crítico textual elaborar hipóteses sobre por que certas cópias têm seu texto em ordem diferente de outras: possivelmente porque, ao se recompor o códice

⁸ A Diplomática investiga os caracteres intrínsecos dos documentos, isto é, a autenticidade e veracidade dos mesmos. (ACIOLI, 2003, p. 6)

utilizado como modelo, teriam ocorrido equívocos na ordem de suas partes. (2005, p. 2627)

Os comentários codicológicos, a seguir, seguem o “guia básico de descrição codicológica”, proposto por Cambraia (2005, p. 28):

1. **Cota:** o livro manuscrito encontra-se na cidade de Cuiabá, em poder do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, acondicionado na estante 10 e identificado na pasta 383.
2. **Datação:** o livro é formado por registros que datam de 18 de junho de
3. **Lugar de origem:** os documentos que compõem o *corpus* dessa pesquisa foram lavrados, em sessões, no Palácio da Presidência da Província de Mato Grosso.
4. **Folha de rosto:** O “Livro de Registro da Correspondencia Official da Presidencia da Provincia com a Repartição Ecclesiastica: 1887 – 1890” contém a folha de rosto, fôlio 1 r, em que está o termo de abertura, cuja edição fac-similar e transcrição encontra-se a seguir.

(1r, 1 - 16)

O Senhor Sr. Francisco Antonio de São Paulo
 do 1º Regimento de Artilharia de São Paulo, a saber:
 nos termos e condições seguintes:
 Consta da Portaria de Matt. Pires em 12
 de Junho de 1847.
 Com quem de Certo etc.

Não se pôde fazer registro de concessão
 de nome oficial do Príncipe da Confederação
 ou a qualquer outra.
 Em virtude da Portaria supra, não pôde ser
 concedido o sobrenome sobrenome, e sem qualquer
 forma de concessão.
 1º Regimento de Artilharia de São Paulo em 12
 de Junho de 1847.
 O chefe,
 José Augusto de Almeida

Transcrição

O Secretario da provincia autorisa ao Senhor Chefeda Primeira Secção Padre José Augusto Duarte a destinar numerar e rubricar o presente livro. Secretaria da Presidencia de Matto Grosso em Cuyabá. 18 de Junho de 1887. < Pedro José da Costa Leite. > |Ha de servir este livro para registro da correspondencia official da Presidencia da provincia com a repartição ecclesiastica. Em virtude da portania supra, vai todo numerado e rubricado por mim, e leva no fim termo de encerramento. Primeira Secção da Secretaria do Governo em Cuyabá. 18 de Junho de 1887. O chefe. < José Augusto Duarte >

5. **Colofão:** não há.
6. **Suporte material:** todo o códice foi lavrado em papel, sendo, pois, cartáceo. Os fólhos são, originalmente, de cor branca, amarelada pelo tempo e, exceto aqueles em que estão os termos de abertura e o de encerramento, possuem pauta, inseridas provavelmente pelos escribas. A distância média entre eles é de 175 mm de largura X 290 mm de altura, não apresentando pontuais e vergaturas, nem filigranas.
7. **Composição:** o códice é composto de 98 fólhos, sendo 77 em branco, 21 escritos, contando com fólhos em que registram-se o termo de abertura ,1 v, e de encerramento, 40 r. Os fólhos medem 322 mm altura x 215 mm de largura.
8. **Organização da página:** as páginas não apresentam colunas, numeração ou paginação e reclamos.
9. **Particularidades:** duas particularidades presentes no manuscrito chamam a atenção: um carimbo que o “Livro de registro da correspondencia official da Presidencia da provincia com a repartição ecclesiastica: 1887 – 1890” traz, no último fólho, etiqueta indicando que o caderno foi comprado na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império, na Livraria e Loja de Papel MIRANDA & ALMEIDA, situada na rua do Ouvidor, número 52, bairro Centro. A palavra “† Bispo †”, escrita a lápis, encontra-se lado frontal dos fólhos.

(Fólio 40 r)

10. **Encadernação:** a capa do códice é dura, mede 225 mm de largura X 334 mm de altura e seu dorso mede 327 mm. É encapado, possivelmente, por um tecido grosso na cor marrom-escuro e traz uma etiqueta que indica que o livro é destinado às correspondências eclesiásticas.

**Etiqueta da capa do códice Capa do códice**

Pode-se observar que os cadernos foram costurados e que a contracapa e o *recto* da folha de rosto possuem um revestimento em papel decorado em marrom e azul.



O dorso do códice apresenta uma segunda etiqueta medindo 35 mm de largura por 50 mm de comprimento, com duas linhas – superior e inferior – em dourado, em que está escrito:” eclesiastico – 1885”, em vermelho, revelando que, apesar de o códice registrar as correspondências a partir de 1887, já estaria destinado à repartição eclesiástica desde 1885.

Dorso do códice Detalhe do dorso do códice



11. **Conteúdo:** o códice apresenta as correspondências oficiais entre a Presidência da Província de Mato Grosso e a Repartição Eclesiástica.
12. **Descrições prévias:** não há.

Nesse artigo, pretendeu-se apresentar um breve estudo Filológico com base em duas ciências auxiliares: a Paleografia e a Codicologia. Procurou-se discorrer as respeito de algumas características que com-

põem o material suporte do “Livro de Registro da Correspondência Oficial da Presidência da Província com a Repartição Eclesiástica: 1887 – 1890”, através de uma descrição do manuscrito, com uma exposição acerca da grafia, do estado de conservação do *códice*, características específicas e particularidades encontradas no mesmo, a fim de contribuir com a produção acadêmica em filologia no país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para a leitura de documentos manuscritos*. Recife: Massangana; Fundação Joaquim Nabuco, 2003.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SPAGGIARI, B.; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994.